

PSICOSSOCIOLOGIA E HISTÓRIA DE VIDA NA PESQUISA: ADOLESCENTE EM ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL

Juliana Castro Benício de Carvalho – Universidade de Brasília/ UnB
Liana Fortunato Costa – Universidade de Brasília/ UnB

1. INTRODUÇÃO

Ao se falar em pesquisa por meio de história de vida, vários métodos podem ser empregados: entrevistas gravadas, filmadas, utilização de questionários. Dependendo do contexto de aplicação da pesquisa, cada método se mostra mais adequado. Em relação a presente pesquisa, esta se fez a partir da ótica da Psicossociologia, a qual considera o relato de vida uma experiência que abrange aspectos subjetivos e sociais. Vale ressaltar que a Psicossociologia considera que aspectos subjetivos interferem no contexto social e que a dimensão coletiva produz efeitos na experiência individual (Rhéaume, 2009).

Tal opção ocorreu, pois se tinha como objetivo nesta investigação, a compreensão de aspectos individuais em sua intersecção com aspectos sociais da história de vida de um adolescente com longo tempo de acolhimento institucional em abrigo. Compreender tal história era importante naquele contexto, já que os esforços realizados pela equipe que o acompanhava na instituição, direcionados à inserção familiar e comunitária do adolescente, tinham sido frustradas. Considerou-se, assim, que a pesquisa por meio da história de vida é capaz de analisar as capacidades dos sujeitos e dos grupos de produzirem suas histórias e a disponibilidade de mudarem o mundo onde vivem, operando, concomitantemente, mudanças neles próprios (Gaulejac, 2001).

Nesse sentido, a pesquisa com história de vida permitiu maior compreensão dos fatores implicados no processo de exclusão social, de ordem pessoal em relação aos de ordem social, já que promoveu certo distanciamento de si em relação a si mesmo. Como indicou Gaulejac (2009), não se pode mudar o passado, mas sim, a relação com que o sujeito mantém com sua história. Numa pesquisa que utilize como suporte teórico e metodológico a história de vida a partir da Psicossociologia, pode-se identificar e descrever os mecanismos que condicionam as trajetórias desses sujeitos e os mecanismos pelas quais são condicionadas suas escolhas. E essa compreensão não acontece só para o pesquisador, mas para o participante do estudo também.

2. MÉTODO

A abordagem utilizada no método foi a qualitativa, em que se busca um conhecimento profundo sobre a complexidade dos fatos e processos singulares a grupos e indivíduos. A partir dessa perspectiva, é possível que aspectos da subjetividade, imersos no contexto social, surjam, oferecendo sentido às ações e relações até então existentes (Paulilo, 1999). Vale ressaltar que a pesquisa qualitativa analisa microprocessos, por meio do estudo das ações sociais individuais e grupais, sendo flexível quanto à coleta de dados e exigindo do pesquisador uma capacidade integrativa e analítica frente à realidade que se apresenta (Martins, 2004).

Um aspecto considerado nessa pesquisa é a história de vida a partir da perspectiva do sujeito, do olhar sobre si mesmo e do que é percebido. Muitas vezes acontece de um terceiro dizer sobre uma pessoa, uma situação ou um fenômeno, a partir de suas constatações. Porém, o que foi privilegiado nesse estudo foi como o adolescente se percebia, como percebia sua história, o que levou, então, a considerar como percebia o olhar do outro sobre si próprio.

Com base na abordagem qualitativa, o método da história de vida foi utilizado, pois este permite apreender a relação existente entre os indivíduos e entre estes e a sociedade onde vivem, como uma espécie de escuta clínica do social (Takeuti, 2009). Conforme apontado por Gaulejac (2009), pode-se compreender os destinos humanos a partir de histórias de vidas, observando-se o inconsciente, os determinismos sociais, as escolhas e as rupturas de sua existência que interrelacionam-se de forma complexa.

Além do mais, como indica Levy (2001), por meio do método da história de vida é possível que se compreenda o funcionamento de uma sociedade a partir do seu interior, de uma classe social ou qualquer outro grupo que apresente características comuns. Ao oferecer a oportunidade do sujeito falar sobre suas trajetórias de vida, ela representa em muitos aspectos a história do grupo ao qual pertence, sendo possível também que haja uma re-significação de ideias e conceitos que marcam sua posição social. Então, os espaços de expressão da história de vida se organizam entre um pesquisador e um sujeito que se disponha a falar sobre suas trajetórias, numa relação que perpassa certo vínculo de confiança do sujeito em relação ao pesquisador.

Pode-se considerar que a presente pesquisa se iniciou num contexto de intervenção, pois questionamentos surgiram no momento em que a pesquisadora era coordenadora de uma unidade de acolhimento para crianças e adolescentes, que antes da Lei Federal nº 12.010/2009, era conhecida como abrigo. Por se tratar de única unidade do Estado no Distrito Federal (as demais eram organizações não governamentais), recebia grande número de adolescentes com vivência de rua e/ou usuários de substâncias psicoativas.

Nos doze meses em que foi coordenadora da unidade, um adolescente em específico lhe chamou a atenção. Ele, com 16 anos à época, estava em sua terceira unidade de acolhimento desde quando era bebê. Marcos (nome fictício), que nunca tinha tido contato com sua família, apresentava dificuldade em frequentar a escola e cursos aos quais era matriculado. A maioria dos profissionais da equipe da unidade de acolhimento apresentava dificuldades em colocar limites e de acolher as demandas de Marcos, reforçando suas reações de violência contra outros e contra si mesmo.

Após um ano de coordenação, a pesquisadora foi trabalhar em outro local na mesma Secretaria, mas continuou a manter contato com Marcos. Após passar 45 dias em regime socioeducativo de internação, fugir da semi-liberdade assim que chegou no local e ir parar nas ruas, o adolescente, sempre em contato com a pesquisadora, manifestou o desejo de sair da rua mas não sabia onde podia ir, já que não se sentia acolhido na última unidade pela qual tinha passado. Nesse momento, a pesquisadora o levou à unidade de acolhimento que trabalha com crianças e adolescentes em situação de rua, da mesma Secretaria, mas que possui em sua metodologia de intervenção aspectos como trabalho pautado no vínculo, elaboração de projeto de vida e percepção dos meninos e meninas enquanto sujeitos de direitos e deveres.

A partir da demanda de Marcos, que manifestou o desejo de conversar com a pesquisadora, pois, como ele dizia, confiava nela, e a fim de facilitar essa comunicação, foi proposto que ele contasse sua história de vida enquanto desenhava (habilidade que possuía) e a pesquisadora anotava frases e palavras-chave do que ia ouvindo. Tal situação ocorreu no intuito da pesquisadora se aproximar de Marcos, entender o que estava acontecendo com ele, quais suas percepções em relação à própria história para que pudesse pensar em qual intervenção técnica seria a mais adequada.

Logo em seguida à conversa, a pesquisadora, de posse de suas anotações, organizava a história apresentada, colocando as cenas em ordem cronológica e anotando as datas dos encontros no verso dos desenhos. No terceiro encontro, por exemplo, Marcos apresentou uma situação ocorrida no início da infância, complementando o que havia dito no primeiro encontro. Então, a pesquisadora registrou tal acontecimento no início do texto, formando um relato que se iniciava com a infância e continuava até a adolescência. O objetivo então era proporcionar maior compreensão, tanto para a pesquisadora quanto para o próprio adolescente, de sua história de vida e dos entraves em relação aos conflitos que estava vivenciando naquele momento.

Tal opção vai ao encontro do pressuposto de que é importante criar dispositivos apropriados para o relato das histórias de vida, sendo o pesquisador, então, facilitador dessa ação. Ao se

trabalhar com pessoas que estão inseridos num contexto adverso, é importante que elas ocupem lugar central como coprodutoras de sentidos e hipóteses sobre o que foi narrado (Takeuti, 2009).

Marcos apresentava reações auto-destrutivas (uso de substâncias psicoativas e envolvimento em exploração sexual) e falta de perspectiva de vida (afirmava que iria morrer até os 18 anos, sendo que estava com 17 anos no período da experiência aqui relatada). Nos encontros, a pesquisadora perguntou sobre o que ele pensava sobre o conteúdo virar um livro e ele concordou. Estava com muita vontade de divulgar sua história para as outras pessoas, como se quisesse mostrar tudo o que tinha passado e como chegou até ali, num objetivo de justificar tudo o que já tinha feito de prejudicial a si próprio e a outras pessoas. Para que contasse sua história com mais privacidade, a pesquisadora e o adolescente ficavam numa sala da unidade de acolhimento.

Algumas vezes Marcos não estava disposto a falar sobre sua história. Só queria conversar, no lado externo da unidade, sem o compromisso do livro. Nessas conversas, falava sobre o que estava passando e sentindo no momento, fortalecendo o vínculo entre ele e a pesquisadora. Um ponto a ser observado é o conhecimento prévio de alguns fragmentos da história de vida do adolescente por parte da pesquisadora, já que, antes da pesquisa, era coordenadora de uma das unidades de acolhimento a qual Marcos ficara. Em outros contextos, o pesquisador pode ter acesso ao prontuário institucional do participante da pesquisa ou pode realizar entrevistas com pessoas que tenham contato com esse participante ou até familiares, a fim de facilitar a compreensão do que será dito.

Porém, o procedimento de acesso a informações complementares deve ser avaliado com cautela. Se o objetivo da pesquisa com histórias de vida é a compreensão de sentidos, tanto para o próprio participante como para o pesquisador, que o participante da pesquisa tem de sua trajetória, possibilitando então a identificação de interfaces com a história do grupo social ao qual faz parte, não cabe uma confirmação ou não dessa história por um terceiro. As histórias vivenciadas pelos sujeitos, por mais que possuam aspectos semelhantes entre pessoas do mesmo grupo social, são únicas e particulares, carregando uma gama enorme de percepções e significações possíveis para o ocorrido, muitas vezes reveladoras do funcionamento social do qual fazem parte.

3. RESULTADOS

Ao total foram seis encontros em que o adolescente produziu desenhos livremente e a pesquisadora registrou principais falas e palavras-chave do que era dito. Nessas situações, o ato

de contar a própria história se mostrou uma ação difícil, com indas e vindas em relação ao tempo cronológico, como uma espécie de aproximação e fuga da realidade vivida.

Quanto ao processo de produção dos desenhos, Marcos fez vários desenhos no primeiro encontro, onde falou por uma hora e meia, mas ao final amassou todas as produções e jogou no lixo. No segundo encontro começou um desenho e entregou à pesquisadora para guardar e no terceiro encontro, continuou o mesmo desenho. No quarto encontro produziu seis desenhos, sendo que um mostrava várias setas e, segundo o adolescente, naquele momento vislumbrava que tinha opções de escolha na vida. No quinto encontro fez três desenhos e no último encontro, elaborou um desenho. Ao final dos seis encontros, a pesquisadora estava com a história de vida de Marcos organizada de forma cronológica, contendo elementos que estavam relacionados com sua infância, adolescência e perspectivas de como deveria ser a vida adulta.

4. DISCUSSÃO

Ao longo desse processo, a pesquisadora foi percebendo que a maior conscientização da história de vida do adolescente por ele próprio facilitou a elaboração de um projeto de vida. Por meio do processo de contar a própria história de vida, aspectos da subjetividade e da interação deste com o contexto social puderam ser identificados, o que auxiliou na compreensão, pela pesquisadora e pelo próprio adolescente, dos componentes que levavam o adolescente a agir como agia e o que, de alguma forma, reforçava seus comportamentos.

Um aspecto importante está relacionado com a re-significação da própria história, realizada por Marcos, como se, a partir dali, realmente fizesse parte do passado e o futuro pudesse ser vislumbrado. Conforme apontou Carreteiro (2009), a pesquisa com histórias de vida favorece a reflexão sobre o passado, cria formas de autonomia no presente e promove antecipações sobre o futuro, adquirindo uma dupla perspectiva: coletiva e individual para as pessoas entrevistadas. A partir da história de Marcos, ficou clara a presença de elementos do contexto social que marcaram sua história, repercutindo em sua história atual, ou seja, do momento da pesquisa.

À época da pesquisa, o adolescente estava envolvido com exploração sexual, onde recebia uma quantia em dinheiro em troca de manter relações sexuais com homens. Ao falar desses episódios e como esses encontros se organizavam, afirmou que não sabia dizer o nome, mas o que sentia no momento da exploração sexual era semelhante ao que sentira quando era abusado sexualmente quando era criança, pelo coordenador do primeiro abrigo em que ficou acolhido. Ao fazer essa ligação, percebeu que estava repetindo uma cena antiga e se afastou da situação da

exploração sexual do então momento atual. Saiu da exploração e passou a realizar ações de tráfico de drogas. Ao descrever as ações do tráfico, afirmava que estava no negócio não para ganhar dinheiro, mas para ser respeitado pelos colegas de abrigo.

Diante das situações de desqualificação pessoal pelas quais passou ao longo de sua trajetória de vida, aquele momento era importante, pois buscava ser reconhecido como uma pessoa de valor, e não como um “lixo”. Não sabe ao certo quem, mas tinham lhe dito que fora encontrado numa lixeira e encaminhado para uma unidade de acolhimento quanto estava com nove meses de idade. Muitas vezes utilizava dessa fala para dizer que não valia nada, não era reconhecido por outras pessoas como uma pessoa que merecia ser valorizada. Talvez por isso tenha jogado suas primeiras produções de desenho no lixo, no primeiro encontro com a pesquisadora, como se o lugar de sua história fosse na lixeira, como um lixo.

A partir do segundo encontro não jogou mais suas produções de desenho na lixeira, aceitando que a pesquisadora os guardasse numa pasta que esta levava para os encontros. Como ela conseguiu ficar por uma hora e meia no primeiro encontro ouvindo a história de vida do adolescente, é como se ela mostrasse que realmente estava interessada em ouvi-lo e, então, sua história deixa de ser um lixo e passa a ser algo com algum valor.

Após sair da situação de exploração sexual, buscou no tráfico o reconhecimento por seus pares de seu valor até então inexistente, na perspectiva do adolescente. No contexto em que vivia, essa era uma realidade facilmente acessível, já que estava acolhido numa unidade para adolescentes que possuíam vivência de rua e faziam do tráfico um meio para conseguirem dinheiro e terem acesso às drogas.

No último encontro, disse que gostaria que as pessoas soubessem que eles (referindo-se a ele e aos demais adolescentes acolhidos no mesmo local) também têm sentimentos e que é muito desagradável andar pela rua e os outros mudarem de calçada para não cruzarem com eles. Nesse ponto, identifica-se não somente elementos da história pessoal de Marcos, mas pontos da história de um grupo, de jovens adolescentes que possuem vivência de rua e de acolhimento institucional. Jovens esses que nem sempre são respeitados em seus direitos pelas demais pessoas por onde transitam. É importante, então, considerar os aspectos simbólicos da exclusão social, que levam à percepções e ações a partir do que é significado. No caso de Marcos e seus colegas, ele indica em sua fala que sentem-se diferentes e, muitas vezes, inferiores em relação às demais pessoas. Como relatou uma vez, ao andar por uma calçada, se percebe que uma pessoa está com medo dele, reage fazendo uma cada “de mau” para assustar essa pessoa. Em outras palavras, procura se defender frente à desqualificação do outro.

Em relação à produção dos desenhos, após o primeiro encontro, em que jogou suas produções no lixo, iniciou um desenho com traços fortes, mostrando um figura humana masculina com cicratizes, armas, boné, pircing, barba e bigode. Também desenhou na mesma folha um coração perfurado por duas flechas e um pássaro com bico e asas abertas. Esse desenho, produzido no segundo e terceiro encontro, foi produzido ao Marcos relatar situações de violência sofrida e produzida por ele, em relação a si próprio e a outras pessoas.

No quarto encontro elaborou seis desenhos, com traços fortes porém menos marcante que o desenho anterior. Desenhou um coração furado por uma flecha e com uma auréola em cima; um caminho com seis flechas apontando para fora; um tridente; uma estrela com oito pontas; um rosto masculino de um jovem com olhos semicerrados e marcas no rosto e a figura de um pica-pau forte ao mesmo tempo sorridente. Tal produção indica ainda a presença de indícios de força e violência, ao mesmo tempo de demonstra aspectos mais suaves, como o coração com uma auréola, uma estrela e um pica-pau forte porém sorridente, como se o sentimento de violência fosse se amenizando. Nesses encontros um dos temas em pauta foi a opção de escolha que Marcos percebia que tinha, claramente presente no desenho onde estava um caminho com seis saídas.

Já no quinto encontro, elaborou a figura de um lobo com aparência má; uma estrada com setas ao final apontando para uma espécie de sol e dois homens jogando capoeira. Parece, nesse encontro, que existe a mescla entre uma posição mais violenta, outra mais lúdica (a capoeira, onde os jogadores praticam movimentos de luta mas não se tocam) e um caminho que leva a um local mas não se sabe qual. No último encontro produz um desenho confuso, voltando a fazer traços muito fortes com uma serpente ao fundo. Essa sequência sugere que, ao organizar sua história de vida, consegue perceber que não precisa ficar preso a um passado violento mas pode escolher um futuro mais tranquilo. Porém, tal escolha não é fácil e acaba por ficar, ao fim daquele processo, mais numa posição de defesa, por mais que vislumbre um futuro diferente do que já tenha vivenciado.

Sobre a situação de rua, o adolescente em pauta não apresenta relato desse período, considerando aqui o ato de morar na rua, que durou cerca de alguns dias. Porém, a unidade de acolhimento em que estava no momento da pesquisa era destinada a adolescentes e jovens até vinte e quatro anos que estavam ou já estiveram em situação de rua. Nesse contexto, mesmo não dormindo na rua, teve contato com o modo de sobrevivência da rua. Frequentou lugares de exploração sexual, praticou atos ilícitos como tráfico de drogas, furtos e roubos, sempre junto a outros adolescentes e jovens que tinham a vivência nas ruas de modo mais presente ao longo de

suas vidas. Passava a noite na rua nessas situações, chegando a usar substâncias psicoativas como o crack.

Pode-se considerar então que, por mais que tenha tido uma vivência de dormir na rua de poucos dias, a convivência com um grupo que possuía uma história de situação de rua mais longa e a reprodução de suas formas de sobrevivência, marcam nele a história de um grupo. Mas, como afirma Marques (2010), o espaço da rua como um local viril que aceita relações de violência e que se contrapõe ao espaço da casa, lugar do bem e comprometido com a ordem, não é algo natural e sim uma construção social que merece ser problematizada. Cabe então a contribuição da pesquisa por meio de histórias de vida, a partir da perspectiva da Psicossociologia, para que construções sociais de longa data possam também ser resignificadas. Em outras palavras, não só a história individual mas a social também pode ser percebida de outra forma. No caso em questão, o pouco relato das situações de rua dificultam uma análise mais aprofundada.

Dessa forma, considerando a história trabalhada e sua relação com o contexto social onde está inserido, pode-se ter maior compreensão dos entraves que dificultam a inserção comunitária do adolescente, buscando-se, em conjunto, alternativas frente as dificuldades apresentadas. Em relação ao adolescente em situação de acolhimento institucional e com vivência de rua, a pesquisa proposta no presente artigo indica elementos importantes que favorecem maior compreensão das reais demandas dos meninos e das meninas. Com isso, as intervenções dos profissionais e das Políticas Públicas que atendem a esse público poderão ocorrer de forma mais efetiva, caso levem em consideração aspectos sociais, culturais e históricos presentes nas demandas individuais de seus usuários e vice versa.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. *Lei Federal nº 12.010* de 03 de agosto de 2009. Dispõe sobre adoção; altera as Leis nºs 8.069, de 13 de julho de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente, 8.560, de 29 de dezembro de 1992; revoga dispositivos da Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002 - Código Civil, e da Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943; e dá outras providências, 2009.

CARRETEIRO, T. C. Fazer de uma coletividade uma história coletiva. Em TAKEUTI, N. M & NIEWIADOMSKI, C. (orgs). *Reinvenções do Sujeito Social: Teorias e Práticas Biográficas*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

GAULEJAC, V. de. Psicossociologia e sociologia clínica. Em ARAÚJO, J. N. G. de & CARRETEIRO, T. C (orgs). *Cenários sociais e abordagem clínica*. São Paulo: Escuta; Belo Horizonte: Fumec, 2001.

GAULEJAC, V. de (2009). O sujeito face à sua história: a démarche “romance familiar e trajetória social”. Em TAKEUTI, N. M & NIEWIADOMSKI, C. (orgs). *Reinvenções do Sujeito Social: Teorias e Práticas Biográficas*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

LEVY, A. *Ciências Clínicas e Organizações Sociais*. Belo Horizonte: Autêntica/ FUMEC, 2001.

MARQUES, W. E. U. Rua, virilidade e violência: crianças e jovens em situação de extrema vulnerabilidade social e pessoal. Em MORAIS, N. A. de; NEIVA-SILVA, L. e KOLLER, S. H. (orgs). *Endereço desconhecido: crianças e adolescentes em situação de rua*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010,

MARTINS, H. H. T. de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. Em: *Educação e Pesquisa*, 30(3). São Paulo, 2004.

PAULILO, M. A. S. A Pesquisa Qualitativa e a História de Vida. Em: *Serviço Social em Revista*, 2(2). Londrina, Paraná, 1999.

RHÉAUME, J. Relato de vida coletivo e empoderamento. Em TAKEUTI, N. M & NIEWIADOMSKI, C. (orgs). *Reinvenções do Sujeito Social: Teorias e Práticas Biográficas*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

TAKEUTI, N. M. Desafios da abordagem socioclínica e biográfica no contexto sociocultural e político brasileiro. Em TAKEUTI, N. M & NIEWIADOMSKI, C. (orgs). *Reinvenções do Sujeito Social: Teorias e Práticas Biográficas*. Porto Alegre: Sulina, 2009.